IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

DESAFIANDO AS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: VIVER NA FRONTEIRA ASSUSTA O CISTEMA BINÁRIO

Vinicius Mascarenhas dos Passos [1]
Marcos Lopes de Souza [2]

RESUMO

O objetivo dessa narrativa é problematizar e refletir algumas experiências enquanto uma pessoa dissidente de gênero e sexualidade no espaço escolar. Para isso, problematizo conceitos, discursos e práticas, refletindo sobre as relações de poder e a construção de verdades. Nesse texto, destaca os momentos que sofreu violência por ousar romper com o ideal de masculinidade cisgênera e heterocentrada e não reiterar suas normas, seja por meios dos trejeitos, verbalizações e/ou corporeidade. Diante das violências, em alguns momentos me posicionei, mas em outros travei, senti medo e não consegui intervir naquela marginalização. Processos de regulação, vigilância e controle se fizeram presentes no espaço escolar. (Re)pensar sobre essas situações e trazê-las para debate é importante para refletir sobre possibilidades de romper com a cisheteronormatividade e conseguir (re)existir.

Palavras-chave: Narrativa, Docência, Não-binárie, Exorsexismo.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Esses escritos remontam algumas vivências não-binárie do primeiro autor que provocaram inquietações e reflexões sobre corpo, gênero e sexualidade, sobretudo no espaço escolar. Parte desse processo foi escrito na introdução da sua dissertação e aprofundaremos algumas discussões que consideramos provocativas (Passos, 2022). Nesse caminhar, tentamos nos manter atento ao imprevisível, admirando e aprendendo com o processo, pensando na possibilidade de um retorno, levando conosco e compartilhando com você o conhecimento e a experiência como um crescimento pessoal e profissional.

[1] Doutorando do Curso de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, vini-mascarenhas@hotmail.com; Apoio: Fapesb/Capes.
[2] Professor Pleno do Departamento de Ciências Biológicas. Docente permanente do PPGECFP e PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, markuslopessouza@gmail.com;

Apesar de estar fundamentado em autores/as referenciados, passarei a escrever esse texto na primeira pessoa por não temer misturar minhas experiências e escritos científicos. Sendo assim, me exponho ao falar e refletir sobre o dito (e o não dito). Com base nos pressupostos pós-estruturalistas, busco desconstruir a norma culta da língua portuguesa, que apresenta reflexos da cultura patriarcal e se baseia em uma perspectiva binária de gênero. Desse modo, em determinados momentos, por meio da linguagem, essa norma reitera uma regra discriminatória e sexista ao privilegiar a escrita no masculino em detrimento da feminina e, além disso, invisibiliza pessoas não-bináries.

Pensando nisso, ao tensionar outras possibilidades de escrita que promovam a inclusão e representatividade de todes, neste texto, ao me referir a palavras que sofrem variações de gênero – feminina e masculina – utilizarei uma linguagem inclusiva antes de qualquer uma de suas formas. Para isso, empregarei o uso de pronomes neutros, como o "elle" ou "elu", ou ainda a desinência 'e' ou ‘u’, que pode ser uma alternativa ao "o/a" ou "o/a" para marcar o gênero das palavras. Evitarei o uso do masculino como forma genérica para representar grupos mistos para que não haja a exclusão ou invisibilidade de pessoas não-masculinas e não-bináries (Melo, 2024).

Nesse sentido, me desafiarei a evitar o uso de palavras, termos e expressões que possam reforçar estereótipos, preconceitos ou discriminações. É importante evidenciar que não é o meu propósito fixar novas regras de gênero, mas possibilitar outras formas de escrita que adotem pronomes neutros e tornem a comunicação mais respeitosa e justa. Além disso, ao realizar citações diretas, optei por escrever o nome e sobrenome des referenciades, tendo em vista que utilizar apenas o sobrenome, muitas vezes, devido à construção machista, me direciona a pensar ser a fala de um homem e não de uma mulher ou qualquer outra identidade de gênero. Essas mudanças podem parecer sutis, mas são poderosas para transformar a comunicação, tornando-a mais inclusiva, empática e aberta para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, sexual ou qualquer outra característica.

Nas pesquisas que discutem as questões de gênero e sexualidade, nossas vivências e inquietações se tornam um ponto de partida para problematizarmos a construção de narrativas que não se baseiam apenas em dados empíricos e referenciais teóricos. Refletir sobre o meu corpo dissidente de gênero e sexualidade é romper barreiras para repensar teoricamente as situações vivenciadas e perceber como essas atitudes me provocou, potencializou um novo olhar e abriu brechas para analisar de outro modo.

Diante disso, o objetivo dessa narrativa é problematizar e refletir algumas experiências enquanto uma pessoa dissidente de gênero e sexualidade no espaço escolar. Esse pode ser um exercício interessante ao explorar compreensões e sentimentos que não tinha percebido. Os fatos destacados que constituem essas narrativas são a minha representação da realidade e, portanto, estão cheias de significados e reinterpretações. Conforme apontado por Isabel Cunha (1997), ao apresentar narrativas:

> É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enviezadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo (Cunha, 1997, p. 188).

Para analisar como determinados conceitos, discursos e práticas se tornam questões a serem discutidas, e como isso reflete as relações de poder e a construção das verdades, conforme aponta Michel Foucault (1997), tomamos a problematização como elemento central desta pesquisa. Para Michel Foucault (2006), a problematização é o processo pelo qual algo que era tomado como dado, natural ou inquestionável passa a ser questionado e, muitas vezes, desafiado. Nesse sentido, a problematização envolve a criação de um espaço onde algo é visto como um problema que necessita de uma reflexão mais profunda dos conceitos e práticas associadas. Assim, me interessa colocar sob suspeita a forma como pensamos e agimos.

AFINAL, QUE CORPA É ESSA? BORRANDO AS FRONTEIRAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Nas minhas experiências como professore, durante o estágio e na participação de iniciativas de alguns programas docentes, processos de classificação, vigilância e enquadramento me chamaram a atenção. Ver que algumas/alguns alunas/os ainda classificavam/classificam outras/os estudantes como gay, viado, bicha etc. na minha sala de aula, me fizeram voltar no tempo, ao Vinicius de oito anos que, pela primeira vez na escola, escutou ser chamade viado. Esse fato me chocou como professore, por ainda usarem esses termos de forma ofensiva e por ver, mesmo depois de dezoito anos, os mesmos processos que vivi, acontecendo com outres menines em sala de aula.

Dessa forma, em alguns momentos, me posicionei, aceitei a discussão e pautei reflexões sobre nomear as pessoas daquela forma. Contudo, em outros momentos travei, senti medo e não consegui intervir naquela marginalização por estar sendo, de alguma forma, regulade, vigiade, controlade ou não esperar que isso acontecesse. Essa atitude me causa estranhamento, me sinto envergonhade e considero ser complexo entender a minha reação, afinal, nós LGBTTQIAPN+ sabemos o peso que esses discursos têm e não intervir é reiterar para que continuem. Acredito que se torna mais complexo ainda por ter tido formações e conhecimentos para reagir a essas situações. Não reitero que a formação não seja importante, ao contrário, é necessária, mas, nesse caso, compreendo que a formação não é garantia suficiente para que haja uma intervenção a essas vivências.

Uma situação semelhante também foi apontada na pesquisa de Beatriz Rodrigues Lino dos Santos e Marcos Lopes de Souza (2020), quando um professor, imprevisivelmente, foi chamado de bichona por uma aluna e preferiu fingir que não escutou. Assim, entendo que esse reagir pode dizer de outros movimentos, por exemplo, ao saber lidar com a complexidade da sala de aula. Por ter pouca experiência docente, algumas vezes, fui pego de surpresa por questões que não estava preparado para responder, se é que existe o estar pronta/o para debater essas questões. Nesse direcionamento, Jorge Larrosa (2014) afirma que a experiência educacional também se relaciona com os pensamentos e inquietações, com o ser e as atitudes que (não) são tomadas. Ainda que não reaja no momento, acredito ser necessário (re)pensar sobre essas situações e trazê-las para o debate, não para que tenhamos a resposta certa, mas para aprender a lidar com o que nos surpreende.

Alguns questionamentos me indagaram naquele momento: afinal, qual o problema em ser viado? Por que isso se repete da mesma forma? Por que alguns alunes ainda classificam outras pessoas como gay? Qual o efeito disso na vida de quem é classificade e de quem classifica? Como eu, enquanto professore não-binárie e bissexual, e outres profissionais podemos lidar com essa e outras questões que envolvem a sexualidade e permeiam o espaço escolar? O que a escola pode fazer diante de situações como essa?

Estudar as questões de gênero e sexualidade tem me possibilitado perceber que o mundo é ainda mais diverso do que imaginava e há espaço para todes. Aos poucos, passei a compreender a construção social, histórica e cultural que permeava os gêneros e sexualidades. Esse foi um passo importante para começar a problematizar e romper com a lógica binária que me limitava a isso ou aquilo, pênis ou vulva, feminino ou masculino,

heterossexual ou homossexual (embora, em boa parte da vida nem sequer tenha sido cogitado essa possibilidade).

Meu gosto por vestimentas e acessórios que se aproximavam do universo lido socialmente como feminino passou a ser um problema quando tive forças para fazer uso dessas peças. Sair de casa utilizando a pele e os desejos que habitavam minha corpa tornou-se um desafio. Para evitar as retaliações da minha mãe, passei a sair de casa levando na mochila roupas, brincos e maquiagens e inúmeras vezes me vesti pelo caminho ou encontrava apoio na casa de algum amigue para me sentir confortável, embora a sociedade reitere que não deveria cruzar as fronteiras de gênero. Por ser lide socialmente como homem, tendo em vista a referência médica/biológica de acordo com o sexo-gênero-sexualidade, eu precisava obedecer a lógica binária e cisheteronormativa.

Eu não tinha vergonha que meus familiares me vissem com roupas consideradas femininas, mas meu medo era sofrer algum tipo de agressão física e/ou verbal, principalmente por compreender que o seio familiar, teoricamente, deveria ser um espaço de acolhimento. A maior parte das vezes que sofri violência foi por ousar romper com o ideal de masculinidade e não reiterar suas normas, seja por meios dos trejeitos e verbalizações, ou seja, pela produção da corporeidade dissidente.

Trazer essa performance que borrava os gêneros fez com que, a partir do ano de 2019, algumas pessoas me identificassem enquanto não-binárie, antes mesmo de compreender o que significava esse termo e me reconhecer nessa categoria. Afinal, eu nunca tinha ouvido falar sobre a não-binariedade. Passei então a estudar sobre essa identidade, conhecer outras pessoas que se denominavam não-binárie e mais fortemente me desprendi das amarras que limitavam a minha expressão de gênero.

Nesse mesmo período, passei a sentir mais intensamente o quanto a sociedade não foi estruturada para compreender, respeitar e acolher a diversidade. Ainda na graduação, enquanto exercia atividades como professor monitor de um programa que oferece cursinho pré-vestibular, nas escolas da rede pública de ensino, fui surpreendido por uma docente que trabalhava como apoio pedagógico. Ela fez uma denúncia na coordenação do programa pelo fato das minhas vestimentas serem femininas, fazer uso de maquiagem e brincos grandes. Segundo o relato dessa professora, eu não deveria utilizar essas roupas e adereços para ministrar minhas aulas porque estaria causando um transtorno mental em alunes, principalmente, por ter um aluno com deficiência física e intelectual na turma.

Conforme apontado pela docente, ser dissidente de gênero e sexualidade é considerado contagioso, podendo afetar outres alunes, sendo um perigo a ser advertido. Essa ideia foi construída socialmente em nossa cultura e reflete preconceitos, medos e incompreensões sobre a diversidade de gênero e sexual. Essa crença, muitas vezes associada ao discurso da "propagação" da homossexualidade, é vista por muitas pessoas como uma tentativa de deslegitimar as identidades LGBTTQIAPN+ e, ao mesmo tempo, reforçar a cisheteronormatividade.

Após esse episódio, passei a me questionar: por que minha corpa incomodou tanto a docente? Por que ela se achou no direito de me controlar e repreender? Quem a designou nesse papel? Por que eu tenho de ser violentade por ser quem eu sou? Naquele momento, compreendi, na prática, que, para ser um excelente professore não bastaria ter apenas o domínio dos conhecimentos a serem abordados nas aulas, pois minha corpa seria lido primeiramente. A partir desse entendimento, para algumas pessoas, deveria ser colocado em um lugar marginal, independentemente da minha formação.

Pode a pessoa não-binárie ocupar espaços? Felipe Grassiane (2024) traz essa provocação na sua narrativa ao apresenta três relatos sobre questões que atravessam a sua corpa não-binárie. Em um dos casos, elu sofreu violência ao andar em espaços públicos por ter a sua roupa considerada inapropriada e sua existência ser lida como uma ofensa pelo modo como agiu e/ou aparentou estar. O impacto dessa violência ameaça as nossas vidas diariamente. A negação da cisheteronormatividade, ao não gesticular, falar, andar e se comportar igual um “homem”, foi concebida como um desperdício, tendo em vista que ter o privilégio de supostamente ter “nascido homem” e rejeitar essa masculinidade é inaceitável.

Em minhas vivências, tenho compreendide que a transfobia atinge as corpas trans não-binarie, além das múltiplas violências, ao ressaltar uma coerência binária em nossa expressão de gênero para que haja uma passabilidade. Estar na fronteira assusta a cistema binário. Afinal, que corpa é essa? Possuir barba, usar vestido, ter pelos no peito, fazer uso de maquiagem, ter cabelo grande, ser malhade e entre outros aspectos que expressam a minha corpa faz muitas pessoas se questionarem: que corpa é essa? Minha corpa é um convite a romper com as normas cisgêneras que insistem em delimitar os corpos trans e definir suas categorias de pertencimento e desumanização (Dantas, 2024).

Ressalto que não é o meu propósito fixar uma norma sobre como deve ser esteticamente uma pessoa não-binárie. Somos múltiples, diverses, distintes e, portanto,

assumimos diferentes expressões de gênero, sem que haja estereótipos específicos para nos delimitar. Afinal, não temos a pretensão de assumir um lugar específico. Portanto, nossos pronomes, corpas e o que seria necessário para ser lido enquanto não-binárie assumem diferentes contornos que estão envolvidos com nossas singularidades e subjetividades. Não precisamos de ideais regulatórios que aliam a nossa estética a anatomia, de normas que se impõem depois que rompemos com um não-lugar.

Com a denúncia da docente, a coordenação do programa entrou em contato comigo e sugeriu que utilizasse roupas mais masculinas e não causasse confusão. Ainda me questiono: por que a coordenação não me apoiou e preferiu também me normalizar? Apesar de ter medo de perder o emprego e precisar manter o vínculo para poder sobreviver, não retrocedi e continuei a usar as vestimentas que me faziam bem. É quando precisamos ser fortes que descobrimos que podemos ser ainda mais resilientes. Apesar de sangrar-me os olhos, conforme aponta Magô Tonhon (2016), aprendi a conjugar o verbo não caber. É como se tentassem me encaixar em uma roupa que não servisse mais ou que nunca tinha servido, mas era o que estava disponível.

Em determinados momentos, assumir a aparência masculina me garante algumas vantagens sociais. Apesar disso, não me encontro definitivamente nesse gênero. Assim como Paul Preciado (2020), compreendo que o meu guarda-roupa abriga possibilidades de construção do meu gênero, podendo assumir diferentes identificações de masculinidades e/ou feminilidades de acordo com o que eu me sinta melhor para encarar os diversos espaços sociais. Dentre essas possibilidades, posso confrontar as normas sociais ao mostrar alternativas viáveis para desfazer o gênero. Apoiade em Mariana Ferreira Pombo (2024), compreendo que a não-binariedade não se trata de migrar entre o masculino e o feminino, mas sim de estar na fronteira, ser imprevisível, ser múltiplos caminhos a ser explorado ou até mesmo nenhum. A não-binariedade se torna potente na medida que desestrutura a cisgeneridade e a cisnormatividade.

Judith Butler (2012) aponta que se uma pessoa não expressa no corpo as normas binárias de gênero, esta passa a ser vista como aberração ou anormalidade e as instituições e práticas sociais agem para normatizar e readequar sua corpa. É importante ressaltar que a transfobia não afeta todos os corpos trans da mesma maneira. As interseccionalidades de raça, classe, geração, entre outros fatores influenciam para que seus alvos sejam afetados em diferentes intensidades. Sendo assim, talvez, se fosse uma pessoa com marcadores ainda mais dissidentes, as atitudes tomadas poderiam ser ainda mais drásticas.

Falar sobre a atitude da coordenadora é sobre a perspectiva estrutural e institucional que busca nos aniquilar. É preciso compreender que minha corpa não é um convite para ser regulade pela norma cisgênera. Nossas existências múltiplas seguem lutando e caminhando para existir além da marginalização, da descrição biológica essencialista e patologizante. Essas concepções ultrapassadas que tentam nos enclausurar, nunca nos definirão e subverteremos os lugares pré-destinados.

Ao abandonar as estruturas que se manifestam na norma poderemos pensar em liberdade de gênero. Subvertendo essa lógica que nos limita a fronteiras, enquadra em caixinhas, tenta nos normatizar e padronizar, negaremos a existência de seguir o caminho único da cisheteronormatividade. Somente com as rupturas da norma, conseguiremos res(ex)istir.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) por meio da concessão de bolsa de estudo do mestrado realizado pelo primeiro autor.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, p. 185-195, jan. 1997.

DANTAS, Lucas Silva. Transfobia e não binariedade: o regime da diferença sexual e a régua cisgênera. **Revista Periódicus**, *[S. l.]*, v. 1, n. 20, p. 173–185, 2024.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos IV**: Polêmica, política e problematizações. Paris: Gallimard, 1997, p. 591-598.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber.** Ditos e Escritos. São Paulo: Forense Universitária, 2 ed. v. 4, 2006.

GRASSINE, Felipe. Pode a pessoa não binária ocupar espaços? Três relatos sobre questões que atravessaram meu corpo. **Revista Periódicus**, *[S. l.]*, v. 1, n. 20, p. 241–254, 2024.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MELO, Iran Ferreira de. Linguagem inclusiva de Gênero: fundamentos e manifestações. *In:* GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto et al. (org.). **Tecendo sentidos: investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, p. 115-128, 2024.

PASSOS, Vinicius Mascarenhas dos. **Transform(ações) e(m) disputas:** quais currículos têm sido construídos na disciplina Educação para Sexualidade? 222 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié, 2022.

POMBO, Mariana Ferreira. Além dos binarismos: a não binariedade como potência subversiva. **Revista Periódicus**, *[S. l.]*, v. 1, n. 20, p. 06–20, 2024.

PRECIADO, Paul Beatriz**. Je suis un monstre qui vous parle**. Paris: Grasset, 2020.

SANTOS, Beatriz Rodrigues Lino dos; SOUZA, Marcos Lopes de. As (im)possibilidades do trabalho com diversidade de gênero e sexual na escola após um curso de formação. **Diversidade e Educação**, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 162–189, 2020. DOI: 10.14295/de.v8i1.11436.

TONHON, Magô. Tire sua régua cis do meu corpo trans e/ou transfobia nossa de cada dia. **Transfeminismo,** [*s. l.*], 2016. Disponível em: https://transfeminismo.org/tire-sua-regua-cis-do-meu-corpo-trans-eou-transfobia-nossa-de-cada-dia/. Acesso em: 23 fev. 2025.